FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
IDENTIDADES EM RUÍNAS
UMA LEITURA DE *ESTORVO*, DE CHICO BUARQUE

Ilma da Silva Rebello (UFF)

Pedro pedreiro pensamento esperando o trem
[...]
Todo mês
Esperando, esperando, esperando
Esperando o sol
Esperando o trem
Esperando aumento
Para o mês que vem
Esperando a festa
Esperando a sorte
E a mulher de Pedro
Está esperando um filho
Pra esperar também
[...]

(Holanda, *apud*: Chamie, 2004: 319)

O trecho em epígrafe, retirado da composição “Pedro pedreiro”, de Chico Buarque, registra as angústias do ser humano. “Espera”, “esperar” e “esperança” geram o círculo da inevitabilidade que vai de pai para filho. Pedro pedreiro diante do beco sem saída, sem portas para abrir, continua a sua caminhada “esperando enfim nada mais além/ Da esperança aflita, bendita, infinita/ Do apito do trem [...] Que já vem, que já vem, que já vem”. A espera desse homem se converte numa grande desesperança: “mas pra que sonhar/ Se dá o desespero de esperar demais” (Holanda, *apud*: Chamie, 2004: 319-320). A consciência da solidão e a falta de alternativas, marcantes nesses trechos, representam a experiência urbana, já dominada pela “vivência de choque” (Benjamin, 1989). No limiar dessas questões, pretendemos refletir sobre a crise das identidades e a crise dos ideais na obra ficcional *Estorvo* (1991)⁶⁰, de Chico Buarque. Esse romance explora a questão identitária, pontuando o estilhaçamento dos ideais e a dificuldade da relação do *eu* com o *mundo*.

A “crise das identidades”, como assinala Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005), é parte de um processo de mudança que tem abalado os quadros de referência dos indivíduos. As velhas identidades, pautadas em paradigmas étnicos, históricos, sexuais, religiosos, lingüísticos, dentre outros, que outrora serviram de marcas de estabiliza-

⁶⁰ Todas as citações serão feitas a partir da edição *Estorvo* (2004), com indicação do ano e das páginas entre parênteses.

ção social, estão em declínio. Lars Dencik (*apud* Bauman, 2005: 30-1) expõe que essas afiliações sociais, tradicionalmente atribuídas aos indivíduos como definição de identidade, estão se diluindo e se alterando. Há a ânsia e a tentativa de se criar novos grupos que possam facilitar a construção identitária.

Bauman, em *Identidade* (2005), ressalta que na era “líquido-moderna”⁶¹ a questão identitária é ambivalente. Sua colega de trabalho Agnes Heller uma vez se queixou de que, sendo mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, estava sobrecarregada de identidades para uma só pessoa. Nessa nova era, estamos total ou parcialmente “deslocados” ou não estamos em lugar algum.

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (Bauman, 2005: 19).

Podemos até nos sentir *chez soi*, “em casa”, em qualquer lugar, todavia, em lugar algum estamos totalmente e plenamente em casa. Vivemos, portanto, num sonho de pertencimento.

Com a tecnologia, a máquina, o progresso e a agitação nas metrópoles, os homens se vêem perdidos no anonimato formado pela multidão, experienciando a “vivência de choque” (*cf.* Benjamin, 1989). Segue-se a isso um crescente sentimento de insegurança. Como um “esgrimista”, ele se vê obrigado a abrir passagem na multidão, tentando remediar ou apagar os choques; ou como um “jogador” que sempre recomeça a partida; ou como um “autômato” que se adapta em relação à massa. Assim, ao empenhar-se na tarefa de proteger-se do choque, o homem vai perdendo a memória individual e coletiva, além da própria identidade. A cidade não é mais o lugar que poderia confirmar a identidade. A *polis*, gerada pela modernidade, relaciona-se à fragmentação e até ao esfacelamento da sociabilidade. Marx disse que a modernidade:

É o permanente revolucionar da produção. O abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos... todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar... (*apud* Hall, 2005: 14).

Este é o contexto da grande cidade moderna, o lugar de ser estranho e de estar sob o signo da precariedade e do desamparo. A cidade nos

⁶¹ Concepção de Bauman apresentada em *Modernidade líquida*, 2001.

despeja num turbilhão de mudanças e de desintegração. Os heróis desse vasto universo são os inadaptados, os rejeitados e os anônimos que vivem em busca da experiência.

A categorização identitária passa por transformações, na medida em que o conceito de um sujeito integrado e estável se desfaz. Hall (2005: 9) ressalta que a perda de um “sentido de si” ocasionou o “deslocamento ou descentração do sujeito”. O autor identifica três concepções de identidade que permearam a humanidade. Do sujeito individualista do Iluminismo, centrado e unificado, “dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (p. 10), passou-se à noção de sujeito sociológico que refletia a complexidade do mundo moderno a partir da mediação com outros “eus”. Houve, portanto, a passagem do plano da individualização para o da interação. Por último, Hall expõe a concepção pós-moderna, com o surgimento do sujeito fragmentado, sem identidade fixa permanente. A identidade se torna “uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 13). Com o avanço da *Internet*, estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais. As comunicações virtuais criam a ilusão de intimidade e o simulacro de uma suposta comunidade.

Na solidão dos personagens de *Estorvo*, Chico Buarque apresenta, através de imagens cinematográficas e num constante aturdimento, as andanças e a inquietude dos grandes centros, com os sujeitos em busca de si mesmos na sucessão frenética de fatos em que lascas do passado se relacionam (quase sempre sem se integrar) com um presente fragmentado.

Rousseau, já no século XIX, proclamou que a sociedade européia estava “à beira do abismo” e os indivíduos viviam e se moviam em meio a um grande redemoinho, *le tourbillon social* (*apud*: Berman, 1986: 18). Sobre sua novela *A nova Heloísa*, diz que:

Todos se colocam freqüentemente em contradição consigo mesmos, e tudo é absurdo, mas nada é chocante, porque todos se acostumam a tudo. Esse é um mundo em que o bom, o mau, o belo, o feio, a verdade, a virtude, têm existência apenas local e limitada (*op. cit.*).

Nesse turbilhão social que vem se arrastando ao longo dos séculos, os personagens de Chico Buarque, em *Estorvo*, se deparam com uma infinidade de novas experiências, contudo, não sabem ao certo quem são, qual o seu lugar e o que fazer com suas próprias existências. Vivem sonhando com algo sólido a que se apegar, mas vêem apenas fantasmas

rondando os seus olhos. Essa atmosfera, diz Berman (1986: 18), – “de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto-expansão e autodesordem, fantasmas na rua e na alma” – dá origem à atmosfera da sensibilidade moderna, penetrando e se intensificando na contemporaneidade.

Como seres desolados e “des-solados”, sem solo, os personagens romanescos, em *Estorvo*, transitam no cenário de instabilidade das identidades individuais e coletivas. A impossibilidade de projetos futuros e o esfacelamento da felicidade encontram, na ausência de sentido para a existência, solo fértil. Na solidão, o protagonista de Chico Buarque se vê em meio a uma crise de identidade. A narrativa toma como tema não o herói marcado pela tradição clássico-realista, mas o *eu* mutante, que se constrói e se dissolve ao longo da narrativa. O texto mostra o mal-estar de sujeitos que, deslocados, sentem-se como estrangeiros.

Num clima de instabilidade, o protagonista sem nome de *Estorvo*, após ver pelo olho mágico do seu apartamento um rosto misterioso, resolve fugir, deambulando por avenidas, ruelas e estradas. Dominado por uma sensação de desconforto e mal-estar, ele começa a sua peregrinação por uma cidade violenta e hostil. Ao ir para o sítio da família, surpreende-se, pois naquele que deveria ser o símbolo do reencontro com a paz, a natureza e as amenidades da memória familiar, transforma-se num amontoado de horrores. O *locus amoenus* se apresenta como *locus horrendus*. O sítio foi tomado por traficantes, plantadores de maconha, pertencentes ao crime organizado, incluindo a polícia. A sensação de estranhamento se amplia com os protagonistas desse cenário: adolescentes e crianças, outrora símbolos da pureza, convertem-se em “endiabrados anjinhos”. Esse espaço novo que se impõe é uma projeção da sua situação existencial: só, inadaptado e insulado.

O protagonista se vê perseguido e está sempre em fuga, até em sua própria casa. A fuga não abre portas, nada explica e não o conduz a parte alguma e, em cada volta, a situação se deteriora, sem que ele perceba. Apesar de viver em constante movimento, ele é um elemento desarticulado do sistema, andando pela cidade como um forasteiro.

Apesar de se considerar “um homem sem compromisso”, o protagonista diz estar comprometido com a mala que carrega. Por mais absurdo que possa parecer, há sempre uma relação de comprometimento que liga a pessoa à vida. Há sempre uma escolha, mesmo errada, e oportuni-

dades, muitas vezes, perdidas. O peso da mala o obriga a “andar torto e depressa”, influenciando o seu caminhar. A palavra *depressa*, de acordo com o *Novo dicionário da língua portuguesa* (1975), significa “com pressa; com rapidez; em breve tempo” (p. 434) e, *pressa*, “necessidade intensa de atingir um objetivo, de apressar-se; premência, urgência” e, também, “precipitação; irreflexão” (p. 1134). O significado desta última palavra se relaciona com esse protagonista, pois ele tenta sempre chegar a um lugar, mas suas tentativas são sempre frustradas.

A modernidade tem alterado radicalmente a natureza da vida social cotidiana, afetando os aspectos mais pessoais de nossa existência. Bauman, em *Amor líquido*⁶² (2004), menciona que a era da modernidade líquida em que vivemos – um mundo repleto de sinais confusos e imprevisíveis – é fatal para os laços afetivos. Numa época em que damos prioridade a relacionamentos que podem ser tecidos e desmanchados com igual facilidade, os laços, em longo prazo, tornam-se escassos.

A relação do protagonista de *Estorvo* com os personagens secundários se apresenta em ruínas. A mãe vive num mundo à parte, num confortável apartamento; a ex-mulher trabalha numa boutique sofisticada e é incapaz de recuperar a amizade com um antigo parceiro; a irmã mora numa mansão de luxo e o ignora o tempo todo. Apesar disso, a ex-mulher o deixa entrar no apartamento e a irmã lhe empresta dinheiro. É como se apesar da escassez dos laços ainda restassem resquícios de afetividade. A sobrinha tem problemas comportamentais e não consegue se relacionar com as outras pessoas. Num almoço, a menina emborca o prato de ravióli sobre a própria cabeça. Reação inesperada da criança no intuito de chamar a atenção.

O romancista coloca no centro da trama um andarilho, deslocado, buscando fendas capazes de passar alguma luz. A carência de laços afetivos e de um local onde possa fincar raízes fazem do personagem-narrador de *Estorvo* um homem sem rumo, que anda a esmo. Ele é fruto de um sufocar constante, buscando livrar-se de tal sensação, às vezes com as lembranças do passado, às vezes fincado no presente, mas ansiando por um futuro, que será ainda pior. O protagonista dá volta em tor-

⁶² Bauman, em *Amor líquido* (2004), menciona que a “modernidade líquida” em que vivemos acarretou uma fragilidade dos laços humanos. As relações humanas tornaram-se cada vez mais “flexíveis” e os vínculos são desmanchados com facilidade. Do “homem sem qualidades” de Robert Musil, ressaltava Bauman, instaurou-se o “homem sem vínculos” líquido-moderno.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

no de si mesmo, num jogo sem fim, numa viagem de ilusões. É como se vivesse em busca de algo que, contudo, não consegue encontrar.

Nesse itinerário, o romance *Estorvo*, de Chico Buarque, debate-se sobre o impacto de um tempo e de um espaço que parecem acenar para o vazio e a carência de novos horizontes. Os personagens, dispersos e fragmentados, indiciam a dificuldade da escrita na tentativa de representá-los ou reconstruí-los. O caráter labiríntico da narrativa demonstra a busca da significação, que não é mais acabada e una. No entanto, mesmo que o horizonte utópico esteja nessa obra assinalado em sua precariedade, e que o tempo que as abriga e as viu nascer seja o da incerteza, o potencial criativo de Chico Buarque nos indica que o homem e a literatura, no agreste da vida contemporânea, revelam a capacidade de apresentar, para além das perdas e dos danos, vida inteligente e arte, capaz de tornar o mundo um espaço de possibilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

———. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

———. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, v. 3).

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CHAMIE, Mário. A práxis de *Construção*. In: FERNANDES, Rinaldo de (org.). *Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro*. Rio de Janeiro: Garamond: Fundação Biblioteca Nacional, 2004, p. 313-324.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. 14ª imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOLANDA, Chico Buarque de. *Estorvo*. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.